



CARTA DE NATAL - 2025

Esperar...

Na véspera do encerramento do Jubileu “Peregrinos da Esperança”, sentimos que a nossa peregrinação deve continuar, ou talvez até mesmo começar: pois ter esperança é para hoje! O Papa Francisco marcou o reinício da nossa caminhada, antes de nos deixar. A nós compete agora dar-lhe continuidade, conforme o símbolo do Jubileu nos conclama.

Na Bíblia, Boa Nova e Esperança andam juntas, não como um sonho bom que nos embala com ilusões, mas como a promessa da vinda do Senhor. O horizonte se abre, definitivamente: *“Assim demos ainda maior crédito à palavra dos profetas, à qual fazeis bem em atender, como a uma lâmpada que brilha em um lugar tenebroso, até que desponte o dia e a estrela da manhã se levante em vossos corações”* (II Pe 1,19). A esperança vê neste mundo o tempo bendito em que Deus vem a nós. Ela enxerga, no mais íntimo de cada pessoa, essa presença que nada nem ninguém pode apagar: somos criados à imagem de Deus. Ela é a Boa Nova que nos chama “bem-aventurados” por não estarmos fechados em nós mesmos: no meio de nossas fragilidades e de nossas lágrimas, Deus quer que a nossa vida já participe do seu Reino.

E, no entanto, como é tentador duvidar! Basta ler as notícias da manhã, quando nos despertamos, para desejar não ver mais as desgraças do mundo nem ouvir os seus gritos. Basta um olhar sobre nós mesmos para compreender que os melhores amigos de Jesus são também aqueles que o abandonam. É grande a tentação de suprimir, com um toque de varinha mágica, tudo o que nos causa horror: revoluções, seduições, acusações, justificativas...

“Se és o Filho de Deus”! No deserto, sozinho com o demônio, ou no meio da multidão que espera o milagre, ou ainda diante das armadilhas preparadas por seus acusadores, o Senhor fecha a porta à tentação de manifestar o seu poder.

A Cruz será o testemunho final dessa liberdade. *“Ao assumir a sua Paixão, Jesus mostra ainda mais o valor que o ser humano, tal como é, possui aos seus olhos: é preciso que o Filho de Deus morra por ele.”*¹

“Compreendes o que significa dizer que eu te amo?” era o título de um livro publicado anos atrás.

... Com Alix

Um dos mais belos presentes que a vida nos oferece é encontrar pessoas que acreditam em nós². Elas despertam o nosso anseio mais profundo – por vezes desconhecido – e nos levam ao caminho da nossa vocação. Aquilo que o nosso coração nem ousava imaginar torna-se possível. Quando nos abandonamos à confiança que é depositada em nós, a esperança se levanta e destranca as portas.

Alix foi uma dessas pessoas. E ela continua a acreditar – a esperar – em nós. Que alegria sentimos, nós, Irmãs de Nossa Senhora, se, graças à nossa presença no mundo de hoje, outras pessoas podem se levantar! Somos bem-aventurados, todos nós, quando, tal como Alix, nos dedicamos a fazer crescer aqueles que encontramos pelo caminho!

Não tenhamos medo de pedir a Alix “o impossível – nada menos” – diria o Papa Leão – pois ela desejava “fazer uma casa nova”.

Peçamos que ela “renove a nossa casa”!

Como? Começemos por nos sentar! “E, correndo o olhar sobre a multidão, que estava sentada ao seu redor, ele disse: “Eis aqui minha mãe e meus irmãos. Aquele que faz a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe.” (Mc 3, 34-35). Aparentemente, eles nada fazem: ali estão, sentados, ouvindo. “Façamos” o mesmo! Em que sentido devemos compreender “renovar a casa”, no contexto atual?

¹ J. Guillet: “Rejeitado pelos homens e por Deus” em Christus n° 278 “Com a Bíblia, passar pelas provas”

² “Quando tento definir o bem que há longos anos me é concedido, digo a mim mesma que um tal privilégio, por mais raro que seja, não pode, todavia, ser único: que deve existir por vezes, um pouco reservado, alguém que não é nossa sombra, nem nosso reflexo, nem mesmo nosso complemento, mas mas ele próprio; alguém que nos deixa divinamente livres e, contudo, nos obriga a ser plenamente aquilo que nós somos.”

Marguerite Yourcenar – Memórias de Adriano (Homenagem a G.F.) Ed. Folio

Não se trata de procurar esses “poços de petróleo vocacionais”, nas palavras do Papa Francisco³, mas de amar o outro na busca do seu caminho de vida e de felicidade.

Não é, tampouco, deixar-se conduzir pela “*ars bene Moriendi*” (a arte de bem morrer)⁴, orientação de uma Europa que envelhece: para ser necessária no contexto atual, ela não pode incluir a última palavra. Porque a velhice é fecunda: “Deus precisou de mulheres de idade já avançada para realizar a história da salvação: Sara, a profetisa Ana, Noemi, Isabel...”⁵

Quaisquer que sejam as circunstâncias, a nossa vida religiosa deve deixar-se guiar pela chama da vontade de “viver e viver bem”, que nos faz bendizer e louvar⁶.

Esse desejo não nos diz o que devemos fazer. Ele apenas nos diz: “*É aqui o caminho, siga-o*”, e isso vale tanto para quem vai para a direita quanto para quem vai para a esquerda. (Is 30, 21)

E se, perante a redução demográfica da vida religiosa, chegarmos a pensar que “fracassamos” vejamos o que os primeiros Apóstolos vivenciaram em Jerusalém, em Atenas, em Roma: a vida cristã – a vida religiosa em si – não propõe uma adesão em massa, mas convoca cada pessoa, no lugar mais secreto do seu coração.

Peçamos que ela venha “nos renovar”!

O número especial do CND⁷ consagrado à Irmã Elisabeth Giron⁸ após seu falecimento permite reler uma de suas cartas de Roma, dirigida a toda a Congregação. Datada de 22 de outubro de 1969, e, portanto, escrita em contexto totalmente diferente do nosso, ela permanece totalmente atual e pertinente:

“O Concílio marca, para a Igreja, uma conquista sem retorno. É como, para os Hebreus, a passagem do Mar Vermelho, que lhes fechava o caminho de volta para o Egito. A Igreja vive a sua Páscoa (e), no interior da Igreja, a vida religiosa, também, (compreende que é preciso) optar por uma transformação radical, viver uma conversão (...)

³ “A força da vocação – A vida consagrada hoje

⁴ “A arte de bem morrer”: outra expressão do Papa Francisco, na mesma entrevista

⁵ Mariola Lopez Villanueva, RSCJ – AG UISG maio/2025

⁶ “Elas acolherão todas as que se apresentarem (exceto as briguentas ou aquelas que possam perturbar as outras com seu falatório)” (Pedro Fourier)

⁷ Boletim de informação da Congregação até 2016

⁸ 1907 1986; Superiora Geral de 1966 a 1978, a ela devemos a modernização da CND após o Concílio Vaticano II, em especial a escolha decisiva da vida apostólica, após 400 anos de vida “mista”.

Essa “conversão” consiste, em primeiro lugar, na conversão do olhar (...) Do olhar temeroso e defensivo em relação ao mundo, é preciso passar ao olhar atento, livre e sereno, iluminado pela Fé – isto é, ao verdadeiro olhar contemplativo.

Precisamos uns dos outros para vislumbrar a conversão à qual nos impelem os desafios da Palavra que ressoam no momento presente de Deus. É ela que deve dar o rosto da Congregação (...)

Quais serão os traços desse rosto? É um rosto que não se desenha a partir da contestação dos valores que vivemos (pobreza, celibato, obediência, vida comunitária), mas a partir da maneira como vivenciamos cada um desses valores, a qual deve expressar uma vida evangélica nos moldes que o mundo de hoje precisa conhecer, para sua salvação.

Mas o que é uma vida evangélica? (...) A vida evangélica é, antes de tudo, o autoexame de em primeiro lugar, um autoquestionamento:

‘Quando observo o que o Evangelho me diz, logo de início ele não me diz nada: apenas me dá uma pessoa, que é o Filho do Pai, Jesus de Nazaré, ressuscitado e vivo entre nós, pelo seu Espírito.

Essa pessoa que me é dada me pergunta, pelo Evangelho de outrora e pela vida de hoje: ‘Quem você diz que eu sou?’ Isso significa, exatamente, que ele me pergunta: ‘Quem você diz ser?’ Ele me questiona: ‘Qual o lugar que eu, Jesus de Nazaré, ressuscitado e vivo, tenho na sua vida?’ Sou o sentido da sua vida?’ Ele não pergunta: ‘Eu era o sentido da tua vida?’ Mas: ‘Hoje, sou eu o sentido da sua vida?’ A palavra de Jesus, o Evangelho é essa interpelação radical de cada momento da nossa vida que se expressa assim: ‘Você é formado pelo seu próprio propósito humano, ou você é definido por alguém que o(a) ama e dá sentido à sua vida e à sua morte?’⁹

(...) Assim comprometidos na aventura da Fé em seguir a Cristo, somos precedidas por uma multidão de testemunhas que, por uma Palavra, tudo deixaram. Nesse caminho de alegria, de sofrimento e de glória, a Virgem Maria nos leva, ela cuja bem-aventurança foi ter acreditado.”

Ainda não passamos desse ponto!

Quando se relê a história de Alix, é impressionante constatar a luta que ela travou durante a curta vida que teve: consigo mesma, com a sua época, que despreza a mulher que ela é, a educadora e a consagrada que ela quer ser.

Por diversas vezes, sem dissimular as crises de depressão, ou as “coisas perniciosas” que ocupam seus sonhos, ela se revela como uma verdadeira “lutadora da resistência”,

⁹ J. Radermakers

sustentando com humildade, mas firmemente, o projeto da "casa nova"¹⁰.

Atualmente, enfrentamos desafios comparáveis, na medida em que também requerem a nossa coragem.

Para falar só da nossa internacionalidade – uma dimensão essencial da nossa Congregação, bem como uma necessidade vital para o nosso mundo¹¹ – será que conseguimos lhe dar prioridade, a ponto de não quisermos impor a nossa cultura¹²? Que interesse temos por aquelas que não falam a nossa língua e cujos países estão distantes do nosso? Que laços tecemos entre nós, que não sejam apenas o “like”, tão fácil nos grupos de WhatsApp, Instagram, Facebook?

A internacionalidade nos convoca a caminharmos juntas, e, portanto, a nos preocuparmos com os passos da outra Irmã, a ajustar o nosso ritmo ao dela, mesmo correndo o risco de precisar desacelerar ou, ao contrário, acelerar!

A “casa nova” que fará 428 anos no Natal deste ano não foi destinada a assegurar conforto, segurança, bem-estar ou liberdade: “ela é a casa que eu escolhi – e que me acolheu - para permanecer aberta definitivamente.

Que tipo de renovação estamos dispostas a fazer?

“Maria experimentou, desde o início, com o seu ‘Faça-se’, o que Jesus descobriu mais tarde: que naquele que é forte, que é seguro, que é rígido, o Espírito não pode vibrar. E Jesus exultará de alegria ao descobrir que a Ruah, o Espírito, vibra com tudo o que é frágil, terno, fraco, vulnerável... e que a partir disso ele nos transforma. Deus vê a pequenez, Jesus dá graças, pleno de alegria, porque ele quis revelar-se àqueles que precisam dos outros.”¹³

Quando professamos os votos, estamos envolvidas pelo entusiasmo de “deixar tudo para O seguir”, não sem esperar, talvez, como os Apóstolos, uma recompensa em

¹⁰ Na “Relação”, Alix menciona a resistência à autoridade paterna (que deseja conduzi-la às Clarissas, de Verdun) e à autoridade eclesial (o próprio Pedro Fourier estava disposto a seguir uma vida religiosa “normal”, isto é, em clausura).

¹¹ Cf. os repetidos apelos do Papa Leão XIV para a construção de pontes.

¹² *“Como viver a internacionalidade? Queremos respeitar a diversidade das culturas, das formações humanas e espirituais... Mas o que nos dá unidade é que todas nós escolhemos ser uma Irmã de Nossa Senhora, adotando o Evangelho como regra de vida: isso transcende toda as culturas e todas as épocas.”*

Ir. Marie-Alexia Nguyen – Intervenção realizada durante o seu mandato como Superiora Geral (2008 – 2014)

¹³ Mariola Lopez Villanueva, RSCJ – AG UISG maio/2025: “A vida consagrada, uma esperança que transforma”

troca¹⁴... Mas é o decorrer de toda a nossa vida que vai nos ensinar a nos entregarmos sem esperar nada em troca, até o momento em chega o momento final e este nada mais nos pode tirar. É quando tudo nos é tirado que se manifesta a autenticidade com a qual doamos a nossa vida.

Peçamos a Alix que possamos “crescer” como ela!

Convido cada Irmã a ler – ou reler – pelo menos um de seus textos¹⁵, e a manter essa leitura durante todo o ano; a partilhar essa leitura com uma comunidade, além de convidar as pessoas com as quais trabalha a virem beber na fonte da nossa Fundadora¹⁶.

A vida é, em si, esperança: nós nos reconhecemos uma na outra e reciprocamente!

Hoje, como ontem e amanhã, somos chamadas a viver e a esperar:

“Não diga que somos poucos e que o compromisso é grande demais para nós.

Acaso você diz que dois ou três tufos de nuvens são pouca coisa no céu de verão?

¹⁴ Cf. Mt 19, 27

¹⁵ Textos editados e disponibilizados no site (espaço reservado) :

- A Relação (comentário de Ir. Paule Sagot)
- Rezar 15 dias com Alix Le Clerc (Ir. Marie-Alexia Nguyen)
- Escritos espirituais (reunidos por Ir. Marie-Laure Bradel)
- Espiritualidade dos Fundadores (Ir. Paule Sagot)
- Na fonte da CND – Referencial Textos dos Fundadores
- Na fonte da CND: Sto. Agostinho – S. Pedro Fourier – Bem-aventurada Alix Le Clerc
- Breve história da CND: Fundação – Desenvolvimento - Constituições
- A bem-aventurada Alix Le Clerc (Ir. Marie-Claire Tihon)

¹⁶ Para entender a mentalidade da época de Alix, e da coragem que ela demonstrou, pode-se ler a obra da historiadora Régine Pernoud – A mulher no tempo das catedrais – que analisa a situação da mulher ao longo dos séculos: após ter sido negligenciada pelo direito romano, a mulher recebeu um lugar de destaque, ou pelo menos em pé de igualdade com os homens, nos séculos X e XI. Em seguida, ela volta a cair na sombra do homem, nos séculos XIV-XV, em razão da descoberta do direito romano, visivelmente mais favorável aos comerciantes que os costumes feudais.

Três anos após a abertura da escola de Poussay, em 1593, “um decreto do Parlamento de Paris proibiu as mulheres de ocuparem qualquer cargo no Estado”...

Régine Pernoud se refere a três citações de autores reconhecidos que ilustram “o pensamento clássico e burguês” que prevaleceu até o séc. XX:

- Richelieu: *« Nada é capaz de prejudicar o Estados mais do que este sexo... Os melhores pensamentos das mulheres são, quase sempre, maus, pois elas se deixam conduzir por suas paixões, que nelas geralmente ocupam o lugar da razão. Ora, a razão é o único motivo que deve animar e fazer agir aqueles que ocupam cargos públicos. »*
- Richelieu: *“Já vimos mulheres muito sábias, como houve também guerreiras, mas nunca houve mulheres inventoras.”*
- Restif de la Bretonne: *“As mulheres preferem, sem a menor dúvida, um governo no qual se deve obedecer sem pensar a um outro que lhes daria a escolha de obedecer ou não.”*

Ed. Livre de poche p. 339 – 340

Num instante, tudo se espalha... Ziguezagueiam relâmpagos, trovões se fazem ouvir e chove em todos os lugares.

Não diga 'somos poucos', diga apenas 'somos.'"¹⁷

Com Alix, voltemos ao presépio e peçamos que ela “nos dê coragem” para acolher e seguir aquele que ela deseja que seja “todo o nosso amor”.

“Olhe para mim e olhe para os seus defeitos, a fim de os corrigir, e você alcançará o seu desejo.” Essas são as últimas palavras da sua Relação¹⁸. Nós as escolhemos para abrir e inspirar o ano que lhe é dedicado.

Peçamos-lhe que nos tome pela mão e que a segure até o último dia!

Feliz Natal!

Com todo o meu afeto fraterno,

Irmã Cécile MARION, cnd-csa
Superiora Geral

¹⁷ Poema coreano copiado por Ir. Elisabeth Giron

¹⁸ Relação n° 70